

A ESTACÃO

PARTE LITTERARIA

FADINHA

v

Se Alexandre se admirava de que o barão de Morais houvesse acompanhado a esposa, mais admirado ficou quando que o filho, depois de um instante, começou a tratá-lo como uma pessoa a quem a atenção que em pouco tempo se transformavam em familiaridade.

Chamava-o para o auxiliar em todos os trabalhos do escritório, confiando-lhe serviços de certa responsabilidade,

incumbia-o de receber grandes sommas ou levá-las ao banco, e um dia, estando o moço a passar uma carta a limpa, uma carta confidencial, de muita importancia, o patrão offereceu-lhe um dos seus magnificos huyanos de 300 réis, dizendo-lhe : — Fume, Alexandre.

Motta, o socio do barão, que era a antithese deste, bonacheirão e amavel, amigo dos seus empregados, estava estupefacto e não sabia a que attribuir aquelle favoritismo : não guardava livros, porém, e os demais calceiros, já encimados, e talvez instruídos pelas perversas insinuações do linguado Pimenta, murmuravam : — Não ha nada assim ter irmã bonita !

O barão pedia constantemente a Alexandre noticias da familia, interessando-se pela viviva, e repetindo, quasi todos os dias, o offercimento dos seus serviços e da sua assistência para prevenir, renovar ou sanar qualquer difficuldade que surgisse pelo subito fallecimento do velho Rapos. O rapaz desconfiava-se em agradecimentos, e, chegando á casa, cantava á mãe todas as attentões e finezas que merecia ao patrão.

D. Firmião, que era pescieuz e manhoso, desconfiou, naturalmente, que o barão, impressionado pela belleza de Fadinha, procurasse meios e meios de se aproximar, e um dia pediu ao filho a que lhe offerecesse a casa, dizendo-lhe que

NINON DE LENCLOS

escrevem a dar-nos, que jamais ossem macular-lhe a epiderme, da passiva dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahido sempre os profundos um certinho de bapuzismo que rasgava á curulo Tempo, cujo foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verdadeiramente» via-se obrigado a dizer o velho rubicundo, como a raposa de Lafontaine dizia das nuvas. Este segredo, que a celebre e egoista fazeira jamais confidaria a quem quer que fosse das possuas daquella época, descobriu-o o Dr. Lesante entre as folhas de um volume de *L'Histoire anecdotique des modes*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, *Maison Laroche, Rue du 4-Septembre, 35* a Paris.

Esta mesma tenacidade á disposição das missas elegantes, sob o nome de **ERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante ;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON**, contam-se :

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores ;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e brinca as pestanas e os supercillos, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para a face, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Corem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, tiza, a-acetina a epiderme, impede e destrõe as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos tortos a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

ARMADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Grças ao novo modo porque se empregam estes pós communicam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, as freiras e brancos com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrator, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeita as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

E ha nas suas seis Casas de venda por miudo nos bairros mais ricos da Paris.

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trèfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA & ELIXIR

Almanach Hachette 1901

Preço para a Capital 3\$000, pelo correio registado 3\$500

ROMANCES DE ACTUALIDADE

H. Stokilovitch — Sans Dogme.
Rostand — L'Anglon.
Oblin — La Tenebreuse.
Daudet — Premier Voyage premier mensonge.
Prevost — L'heureux Menage
Montfaucon — La Chair qui aime, la Chair qui tue
Balzac — La Cousine Bette.
" — Le Lys dans la Vallée.
Micheaux — Journal d'une femme de Chambre
Bourget — Un Homme d'affaires.

Preço de cada um para a Capital 5\$000

Registrado pelo numero 1300

A venda na **CASA LOMBAERTS**
7 Rua dos Ourives 7
RIO DE JANEIRO

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEN RIVAL PAIXA O TERNADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : Violette Indèle, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blane, Le Parfum Imperial, Mokka, Muguet, Chiffre Reine, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflée, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Ivoire.

SABONETES : Ophelia, Peau d'Espagne, Violette Indèle, Fougere Royale, Lait de Thibode, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de B. Reza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

ella, D. Firmina, muito reconhecida a todos os favores do titular, tinha muita satisfação em lhe agradecer pessoalmente.

Se D. Firmina bem o disse, Alexandre melhor o fez, e o barão de Moreira, já se vê, não deixou fugir uma occasião que havia já dois mezes procurava.

Um bello domingo dignou-se almoçar no Engenho Novo, em casa de D. Firmina, que, para dar maior solemnidade à visita, foi esperal-o na estação, acompanhada pelos rapazes e pelos rapazes, porque Fadinha, sabendo da vinda do barão, fechou-se na alcova, pretextando uma violenta enxaqueca, e não houve supplicium nem ralhos que a fizessem sair.

A moça estava desesperada; há mais de um mez que não via o seu querido Remigio. Foram tantas as grosserias de D. Firmina e dos rapazes, que o namorado, comprehendendo que o queriam afastar, e vendo que era impossivel affrontar a pé firme aquella suavia de ingratos, fez-lhes a vontade, sem, contudo, dar de mão aos seus projectos de casamento, porque Fadinha continuava a ser a mesma, e elle considerava-a digna, por todos os respeito, do seu affecto e da sua constancia.

do Engenho Novo, esse o seu termo de presença daria, o seu chapéo de palha branca e a sua gravata púrpura, o seu alfinete de brilhantes e a rosa enorme que trazia ao peito, contrastava com o aspecto daquella matrona e daquelles tres rapazes vestidos de luto, luto fechado, em que eram pretos até os punhos e collarinhos.

(Continua)

A. A.



CORRESPONDENCIA — *Pede se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem à nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.*

Os pedidos d'informações devem vir sempre acompanhados de um selto de 200 réis para a devida resposta.

O coração do lyrio

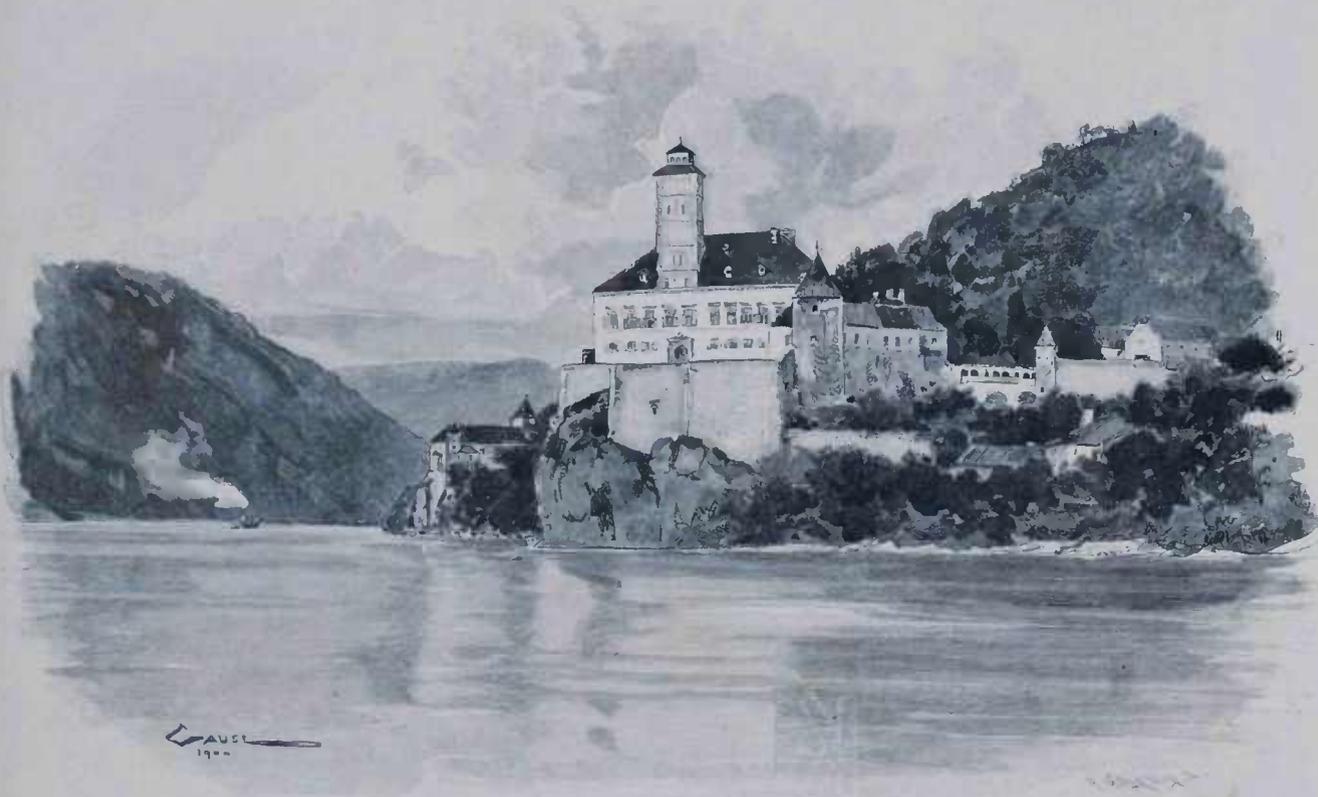
NO ALBUM DE UMA SENHORA

As flores falam, doces companheiras,
Sinceras amigas, sabias conselheiras
Com quem não me dou mal,
Tendo aqui de escrever um pensamento,
Pedi-lhes um conselho, num momento,
Formou se o tribunal.

Coube ao lyrio gentil dar a sentença,
E elle com ar altivo e a voz intensa,
Pronunciou se assim:
— A D. Adelia de meu coração,
Pois que o d'ella parece ser irmão,
Dos lyrios do jardim!

Elle tinha razão sobejamente,
E por isso cumprir venho contente
A minha commissão:
— Permitti pois, que lhe offerta nesta solva,
Formada desta folha pura e alva
Do lyrio o coração!

J. B.
P. L.



CASTELLO SCHONBUHEL NÓ DONAU

— Façam o que fizerem, seréi tua só tia. Não te peço pelo alma de meu pai. Quanto mais me opprimirem, quanto mais te offenderem, mais crescerá, se é possível, o ardente amor que te consagro! Sou tua noiva!

Animado por essas palavras de fogo, em que Fadinha puzera toda a sinceridade do seu coração, Remigio esperava resignadamente a occasião de fazer valer os direitos do seu amor, mas—diziam o—o seu espirito vacillante e timorato não tinha forças para a luta a que o incitavam. Elle amava de veras, mas começava a malizar intimamente aquella singular formosura, que fazia de Fadinha um objecto de tribuição, uma esperança de fortuna, uma especie do segredo de vida de uma familia inteira.

Não obstante a ultima vontade, o desejo extremo e sagrado do venerando Raposo, receava Remigio que a sua insistencia accusasse a desunião e a hesitação da familia. Entretanto Fadinha, todas as vezes que, illudindo a vigilância materna, lhe podia escrever, escrevia repetindo vehementes protestos de fidelidade.

Mas voltemos ao barão de Moreira, que, na estação

Sagrada herança

Vinte vezes em annos tem corrido
Dês que se ouviu do Christo a phrase mansa,
E o sabio, o velho, o pastor e a criança
Tem seu bendito nome repetido.

Deuses pagãos sumiram se no olvido;
Dos idolos sems nem ha lembrança,
Mas Jesus vive em nos, n'essa esperanca
He um Deus, premio de todo o mal soffrido.

Que conselho me dá, que alma doçura,
A herança de que a morte nos melhora
E deus nos'alma no pezar depura!

Quando soar-me a derradeira hora,
Meigo e doce Jesus! De me a venturoza
De te reter no ullar de quem me adora!

A. A. G.

Niterói, 17 de...

A FAMILIA MINEIRA — Sempre que se falla n'esta familia d'importantes do bello sexo, nos lembramos do que ha de mais delizioso em biscoitos de varias qualidades, o que ainda aconteceu com um prato dos ditos, artisticamente combinado, que nos mandarão de festas e que com muito gosto agradecemos.

Communicarão nos que para mais facilidade dos apreciadores, abrirão um deposito na rua da Uruguaiana, 90 C.

SOB O SOL

Do solbe de terra não temo, e não me dá a vida a fugir,
Aus olhos do meu dia, e não o pessoal malheiro,
Sobre a terra penso, Não me escordo o dia inteiro,
Vai se aquitar o segredo, Aus raios do sol affior!

Albuquerque, 17 de...

AS TROVOADAS

As trovoadas, outr'ora consideradas como manifestações da ira divina, têm sobre a atmosphera uma benéfica influencia.

Se accidentalmente há a lamentar algumas victimas fulminadas pelo raio, em compensação grandes são os resultados que a favor da agricultura e da hygiene produzem essas manifestações da electricidade.

Os raios que simplesmente misturados formam o ar atmosphérico, em presença das faiscas electricas, combinam-se, dando origem a novas substancias que depois se acham na agua da chuva e fornecem a vegetação fecundos principios de vida.

Depois de uma trovoadas as folhas e as flores adquirem nova frescura e vigor.

A descarga electrica purifica a atmosphera; pela sua acção o gaz oxygenio adquire uma excepcional energia, transformando-se em ozone que destroe eficazmente os miasmas que infestam o ar, tornando-o proprio para a respiração.

A admiração

Dizem os philosophos que a admiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia. Filha da ignorancia, porque ninguem se admira senão das coisas que ignora, principalmente se são grandes; e mãe da sciencia, porque, admirados os homens das cruzas que ignoram, inquiram e investigam as causas del'las até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia.

PADRE ANTONIO VIEIRA



S. MIGUEL NO DONAU

Propriedade de algumas plantas do Brazil

CUBO CUCURBO.—O succo, espremido de fresco, é resolvente, anti-phlogístico, e eficaz contra as hemptyses, esquinencias, rouquidão e mesmo contra abcessos internos, e vomicas hepaticas. O cosimento é empregado contra a ictericia. Posto em infusão em vinho branco, bebendo se todos os dias um calice, cura os arrotos chocos. O pó, lançado sobre as feridas, as seca em pouco tempo.

JANUARANDIVA.—A casca da raiz tem acção iniciativa e resolvente sobre o figado e glandulas mesentericas. As folhas, contusas e applicadas aos hypocondrios, resolvem a dureza do figado, e amadurecem as chagas.

S. CAETANO.—O chá das folhas desta herva é um verdadeiro especifico da influenza.

JOAZ BRAYO.—O sumo das fructas, pingado nos olhos e bebido, cura as inflamações das palpebras; as fructas machucadas e postas sobre os tumores, aceleram a formação do pus.

SINO SINA, PERIGALIA.—A raiz deste arbusto é elogiada entre os melhores purgantes e emeticos, principalmente nas molestias exanthematicas (erysipelas e outras), com o fim de derivar, de abrir e de expectorar. Na tosse convulsiva das crianças convem em pequenas doses. Tambem se costuma applicar em cataplasmas sobre as faridas.

LOINA.—Em pequenas doses é tónica e estomachica, e estimulante grande em doses; emprega se como febrífuga, vermífuga e emenagoga, e nas affecções atonicas do canal intestinal.

SETE SANBRIAS.—O chá é usado tanto nas maleitas e febres, como nas dores interiores produzidas por que'las ou machucaduras.

VILFIANA.—A raiz, tomada em infusão ou em pó, em pequenas doses, allivia a dor de cabeça e combate os ataques espasmódicos tal qual a arruda.

O CAMELLO

O camello comprehende duas especies: o camello propriamente dito, e o dromedario ou camello de uma montanha.

Abita no deserto do Sihara, nos paizes no norte da Arabia, no Egypto, na Persia e na Tartaria Meridional.

Tem a rapidez do cavallo á sobriedade e paciencia do burro e a gordura como a vacca, um leite nutritivo e abundante.

Para muitos paizes da Asia, o camello é tudo que lhes é necessario. Consideram-no um brinde do ceo, um thesouro sagrado, sem cujo auxilio não poderiam viver, nem fazer negocios. Este navio do deserto, como os arabes com muita razão o appellidam, é o animal mais proprio para transportar o homem e grandes cargas aavez dos areaes.

Com uma carga de 10 arrabas e mais percorre regularmente 12 a 16 leguas por dia; é capaz, porém de caminhar 35 a 40 leguas, se lhe dão no dia seguinte o tempo necessario para descansar. Passa oito ou mais dias sem beber, conservando no reservatorio que tem no estomago uma provisão d'agua sufficiente para todo esse tempo. Alimenta se apenas de hervas seccas e arbustos espinhosos que encontra no caminho.

É um animal naturalmente docil, facil de governar, soffredor e manso. O bom tratamento e principalmente a musica e o canto excitam-no a empregar todos os esforços para contentar o seu dono. Torna-se, porém, teimoso e intratavel quando é castigado brutalmente, e allina-se que é difficil evitar a sua vingança.



CONVENTO MOKK NO DONAU

A demolição de um heróe

Não é só a França que tem o privilegio de demolir de tempos a tempos os seus grandes homens. A Inglaterra também procede de vez em quando á revisão dos julgamentos mais ou menos fundamentados com que gerações que os precederam sagraram certas reputações impondrâs ao nosso cult.

Se havia na historia inglesa um nome que parecia dever atravessar os seculos envolto n'um limbo de gloria, era por certo o de Wellington, o Themistocles moderno que salvou a Europa do despotismo napoleónico. Pois acaba de publicar o "Quarterly Review" um artigo em que o vencedor de Waterloo nos é apresentado sob diversos aspectos que nada tem de heroico, antes nos deixam, como impressão resultante, a idéa de que esse homem de guerra era um triste caracter. O autor tomou como texto do seu estudo uma observação bem característica de lord Roberts, o actual commandante em chefe das forças inglezas no Transvaal, o qual, referindo-se a Wellington, não hesitou em escrever o seguinte:

"Quanto mais se estuda a vida do duque por mimdo, maior é o respeito que se sente pelo general e menor a estima que se sente pelo homem."

Nem como politico, nem como amigo, nem como esposo, nem como pai, nem como irmão se recomenda, com effeito, á admiração dos posteros o vencedor de Bonaparte.

De um modo geral, pôde-se dizer, escreve o collaborador do "Quarterly Review", que o duque não tinha amigos. Nunca manifestou o minimo sentimento de consideração especial por nenhum dos velhos officaes da campanha peninsular, que tão fielmente o serviram.

Sempre disposto a considerar como actos de indisciplina quaisquer criticas do seu modo de ver, era quasi impossivel servir debaixo das suas ordens sem incorrer no seu desagrado.

A vida intima de Wellington também nenhuma sympathia inspira.

Fizera elle um casamento pouco sensato com uma joven bonita mas frívola e estouvada, que, embora lhe tivesse afeição, era incapaz de o comprehender e de o auxiliar.

Não achava Wellington consolo para a sua infelicidade conjugal na sympathia e carinho dos seus filhos. Não ha o menor indicio de que seus filhos lhe merecessem solicitude especial; antes tudo leva a crer que sempre os deixou entregues a sua mãe ou ás suas naturaes tendências.

Se havia um membro da sua familia em quem se poderia esperar que Wellington tivesse vivido em termos de constante e cordel affeição, era por certo seu irmão Ricardo, o grande governador geral da India. Ao patrocínio d'esse irmão mais velho deveu Wellington toda a sua carreira militar. É lamentavel, porém, achar se Wellington na sua segunda metade da sua vida indispõe tão gravemente com esse irmão que durante longo periodo de annos se recusou a vê-lo. Só em 1830 é que se reconciliaram, realisando-se entre os dois irmãos uma entrevista que foi acórdel mas com explicações, escreve no seu jornal Lady Salisbury, a confidente do duque.

Mas verdadeira pedra de toque do caracter de um homem são as suas relações com o outro sexo: Nisto ainda a reputação do velho general não sahe inclinar de um exame attento da sua conducta.

Com um caracter como o de Wellington não é para admirar que um observador saez tivesse escrito que "Apsley House" (a residência do duque) não era um «home». Poder-se-ia fazer muita rhetorica, falando a vida solitaria do grande homem na mansão fria e sem attractivos que escolhera, sem amigos, sem mesmo a affeição da sua propria familia; mas e nem descontar da tristeza da situação o facto de que Wellington procurava consolações em outros lugares. Em muitos aspectos do seu caracter era Wellington um homem do século XVII; e as suas relações com o bello sexo, escreve sir Herbert Maxwell, foram a sumpto de intermináveis mesericos. Deve o recordar que eram de um genero em que havia provento em inventar

O mesmo sir Herbert Maxwell acrescenta:

Diferente nisto de muitos homens que representaram grande papel na historia do mundo, Wellington nunca submetten a sua vontade á de uma mulher; quantão fosse muito sensível á influencia da belleza e do espirito, sempre tratou as mulheres apenas como agradaveis companheiras ou como meros brinquedos. Nunca lhes permitiu a menor negligencia nos seus actos, nem, salvo ainda duas excepções, experimentou grande desgosto quando a morte ou outra qualquer circumstancia poz termo a intimidades dessa natureza.

Não faltará quem observe, em opposição ao parecer de sir H. Maxwell, que os grandes homens de Estado nunca se deixaram dominar por influencias femininas e que a resistência ao encanto de Eva é quasi um indicio de superioridade. Vide Napoleão, para quem as mulheres nunca foram senão instrumentos de prazer e nada mais.

Ainda sob outro ponto de vista se nos mostra Wellington profundamente antipathico: a sua ingratição para os officaes e soldados, aos quaes elle deveu todas as suas victorias. Ha phrases d'elle imperdoaveis por haverem sido proferidas, não no ardor e excitação de uma batalha, mas na tranquillidade em que viveu os seus ultimos annos. Eis uma das suas observações recolhidas por lord Stauhoffé, nas suas «Conversações com o duque de Wellington»:

«Os soldados inglezes são a escuma da terra; não se alistam senão para beber.»

E repetidas vezes esta accusação de intemperança reaparece formulada nos termos mais duros e mais destituidos de toda aquella affeição que liga geralmente o chefe aos obscuros auxiliares a quem deve toda a sua gloria.

(Estr.)

Tentação de Santo Antonio

A Alfredo Lisboa

Profunda solidão. No ar pesado e soturno como a sombra feral de um fantasma nocturno, paira um grande silencio, um silencio de nave, e, a pouco e pouco, o sol, melancolico e grave, desce o acceso horizonte em chaminas abrazado, e, entre nuvens de fogo, o poente ensanamenteado surge sobre a floresta escura e pensativa.

Negra, as nuvens roçando — uma aguilha passa, altiva e serena, na doce e languida agonia da tarde... Immensa, e vasta e ideal melancolia... Nem um sopro de vento. Uma estranha tristeza cae do céu, como um crepe, e envolve a natureza...

Só, na escura cabana, a sombra feticheira de uma esguia, comprida e tetrica palmeira, o santo anachoreta, em attitude austera, medita, a longa barba, espalhada e severa, caindo sobre o ventre inculta, e as mãos no peito nu, que, nu, tem o Santo apenas um estreito cinto, e, ao goito de tanga, uma pelle de hyena... Preto, negro e solenne, abre os braços, serena, uma cruz, e, do lado, escarvalho e samburo, occulto, Satanaz mostra e perfil aguilho, a rir e a olhar de esguilha o Santo, que medita longe da lama vil que a Humanidade habita.

Desce o sol. Tudo é calma. A tristeza anda em tudo... e um silencio de nave, enregelado e mudo, paira, num frio horror, no ar pesado e soturno, como a sombra feral de um fantasma nocturno...

✽

De subito, uma leve harmonia, mais leve que o leve som do vento, o espaço acorda, e em breve, todo o espaço se anima, e logo, o alado coro dos anjos desce e canta, harpas e lyras de ouro tangendo, e desfilando a passo e passo; e o Santo, em extase medita, nos pontos, lento e lento, subindo para o céu, foge na aza do vento.

E de novo o silencio... A noite vem tumbando...

É, na fila cadente, agora, um raio branco de luz, vai clarão no cometo, acentuando viva chamma depois, nuvem de ouro em se nida,

sobe (Satanaz!) sobe, e della, sorrindo, uma branca veia aos pontos vai sumindo, vai surgindo e irradiando, encantada e fútil, na ampla tunica azul de nevoa vaporosa; e, logo, outra apparece, em erjasmas de reuda, e subito, visões fantasticas de lenda enchem toda a cabana; uma por uma assoma, diaphanica e subtil, uma espiral de aroma... E de novo, do espaço em luz, o alado coro dos anjos vem tangendo harpas e lyras de ouro. A cabana fulurea, e ante a pasma pupilla do Santo, em fina nevoa, o cortejo desfila das formosas visões de pés e mãos de prata. Esta avança e recua e um riso astral desata, outra beijos envia; aquella estende os braços para o Santo e o estreita; uma desfaz os laços da tunica e tisonha assim num adejo de ave, e tenta, e o envolve, e o enlaça, e sem desejo, elle, rude e solenne, emtanto, alheio a tudo, medita, as mãos no peito, impassivel e mudo, e impassivel vô, sem pena de perdê-las, longe, na noite clara, entre as claras estrellas, as formosas visões, sob o luar que assoma, subindo para o céu, numa espiral de aroma...

ZELINO BRAGA

BOY

Ha tres dias que a encontro nervosa, quando von visual-a. É uma solteirona, angulosa e brusca nas attitudes, pintada nas mãos, na cara e nos cabellos, arastando tunicas de sedas e rendas pelos tapetes. Vive entre perfumes d'iris, n'uma atmosphera mórna, illuminada a cor de rosa, de dia e de noite...

O salãoinho onde recebe visitas tem a forma de um hexagono. É decorado a lyrios brancos em fundo de prata e a mobilia repete em estylismos o motivo das paredes e do chão. N'um dos angulos ha um pequeno orgão onde pouxa uma melodia de Saint Saens. Fronteiro ao orgão, um estrado de tapeçaria, e um montão d'almofadas de todos os tamanhos e de todos os feticos, onde ella se estende para conversar.

Dali, assiste immovel e fria ás discussões d'arte, bebendo chá aos goles e fumando cigarrilhas aromaticas... O ultimo livro estrangeiro, a musica da ultima semana, o pintor do successo mais recente, são autoptidos cruelmente, ferozmente... As vezes, o assumpto muda, porque a Rosinha, uma gordinha, baixinha, d'olhos negros e cabellos negros, permite-se entrar n'aquelle mysterioso recanto e quebra em duas gargalhadas a austeridade do critico mais severo. É a unica crentura feminina admitida, como visita, n'aquella casa. Dás como ella fariam a maior desordem ali dentro... Eram capazes de partir cadeiras, em humar os homems, entornar as jarras de rosas e tocar alguma valsa para dansa n'aquelle orgão de embutidos a madrepêrola... Seria o inferno!

Uma soré bastante. Já ri, já hila e revoluciona por todas as mulheres da terra. Mas a outra, a complicada, a que não é homem nem mulher, olha a com enternecimento e franze as commissuras da bocca n'um sorriso d'ironia, quasi imperceptivel... La jurar que lhe ouvira, um dia, uma phrase como esta:

— Que inferior!

Rosinha não se desconcerta. Ri do mesmo modo, pendura o bicho que traz ao pescoço no braço de uma estatueta, põe a sombrinha no fecludo, deita o regalo para cima d'um tremó, as luvas pendura as n'um candieiro e, para cumulo, traz um cão!

✽

Hontem, a Rosinha vinha furiosa.

O tempo, a chuva bilithe com os nervos... A outra, tambem se queixara dos nervos... Era d'aquelle tempo fútil, parafuto, viscoso. A enxaqueca pregara e elle ha tres dias a adivinhar-lhe as surtífusas do cor... Mas a Rosinha não pôde viver assim. Descharra o para que se vissem o envite do ven cado e não se admirarem... Por que ella pensou... morra com certeza!

Estava um tempo bom para quem tivesse grandes rendimentos e tem a porta aberta e deixa chegar... Mas ella, mas ella, uma pelutira, com com mil réis, por mes, que lhe mandava um tio do Brazil, o mais a que podia aspirar era a americana...

— Mas porque não faz a D. Rosinha uma sociedade anonima com al-gum tio que esteja em Portugal? — perguntou de repente um poeta de melens e solteiraca.

— Conhece algum?

— Talvez...

— De capitães?

— Um unico capital e o trabalho...

— Já sei, já sei! Não ponha mais... O trabalho intellectual... E o senhor, não é?

— E porque não?

— Está doido! O sr. imagina que me sustenta a rimas... O amor e uma calana, passaram. Hoje o melhor soneto e o de cem mil réis, assignado Banco de Portugal...

— E, e o meu cão está nas mesmas idéas. Não é verdade, não?

Boz, o cão, poz-se a garrir irritado e inquieto.

— Vá? — e logo radiante, virando se para o cão:

— *Vá, meu febo... vá, meu, meu amado! Dê-me um abraço ao meu cão... Já calare, já se passava...*

N'um salto, o cão trepou-lhe ao collo, puz-lhe as patitas nos hombros e começou a lambê-lo a cara...



Foi então, depois d'elle sococar, que a Rosinha cantou a ultima gracinha do animal, porque o Boz era muito engraçado... Achavam no boz com aquelle pello hirsuto e amarelado, aquella perna tolhida de rheumatismo, aquelles olhos charcos e cerverinhos, mas não sabiam a graça e a intelligencia que ali estavam, dentro d'aquelle corpinho festivo e tremulo de fio...

Era um portento! Fallava-lhe fallar, mas percozia tudo. De manhã, quando ouvia as nove horas, vinha á cama accordal-a. Na rua, defendia se algum atrevido lhe botava dit' insolente. Era um animal que não se pagava com todo o outro da terra.

Mas a ultima gracinha era a melhor. Desde muito tempo que ella o habituara, quando ia a loja de modas, a levá-lo, perto, ao Ferrar, onde lhe comprava um bolo.

Pouco a pouco, foi-o acostumando a levar o vintem entre os dentes para o largar em troco do bolo... Por fim, mesmo da loja de modas, já lhe entregava o vintem, deixa-o ir, e d'ahi a pouco, o excellent Boz voltava com o bul na bocca...

Esta habilidade era o espanto e o enlevo dos calaceiros...

— Outro dia, o Marquez, que é o rapazinho que me serve, disse-me assim: «O' D. Rosinha dá o vintem ao cão para esta senhora ver o que elle faz!» Olhei, era uma duma gorda, que contemplava o meu Boz com um ar de pessoa entendiada.

Cumpriamto-nos de calaceo, e eu, toda orgulhosa, puz no vintem, puz-lhe entre os dentes e disse-lhe com toda a seriedade: «Vá já buscar um bolo e traga-o aqui.» O cão partiu a galope e eu fiquei escolhendo uma tanga. Demorei-me, demorei-me e nada de Boz... Conhecer a inquietar-me! Assustei-me... Teia calado a carteira? Já a porta, e... qual cão nem moço cão — não o via!... O Marquez, em presilha a minha excitação, offereceu se para ir em busca do animal. Eu sequei também, lavada em lagrimas... Fomos ao Ferrar, não estava lá... Volta-mos... N'isto sinto um gaizor... Olho, e que hei de ver? O meu doido Boz p'uma escada. O cão me enganara.

ALBERTO PEREIRA.



Será delirio?

Não é de creença que me fere e esmaga, porque minha alma ainda resá e cre... mas sinto que o meu ser é como a vida que estufa e chora sem saber porque.

O que me prova, para e, me truca, não sei... não quero entender de religião... Mas não temo, não vivo e a, querida, que tudo esqueço, quando penso em ti.

Mas quando villo nos florestas hortos do meu passivo, baptizando em vão, choro os castellos transformados, montes, que rotam em estalão pelo chão.

Excepto e livido e al-negado espectro de um corpo e humito, que no suster-se em pé, estendo as mãos aos céos, implora um sceptro, mendiga luzes e supplica fé.

Qual pallido Jesus subo ao Calvario, indifferente, revoltado e só; desprezo o mundo, porque tudo é vario, sem fim e choro, porque tudo é pó.

Então meço, prosta-me o consaço; já tenho os hombros descarnados, nus, porque sinto pezar-me em cada braço ta-lo maior que o dia lendaria cruz.

E a nuvem cruel do desalento que, me envolvente sob espesso véo, faz-me soltar, num tetrico lamento, sarcasticas blasphemias contra o céo.

Assim, meu bem, perdoa si maguei-te, narrando, sem querer, a dubia dôr; mas tudo transfigura se em delente, porque me embalsa num vortir de amor.

Mas não zangues. A's vezes... que loucura! affronto o mortal poder de Deus; descreio de mim mesmo, da ternura de teus olhos — até dos mimos teus.

Por isso, qual Jesus subo ao Calvario, indifferente, revoltado e só; desprezo o mundo, porque tudo é vario, sem fim e choro, porque tudo é pó.

ALBERTO PORTO ALEGRE.

Porto Alegre, Novembro 1900.



Estudemos!

A'S MIMAS COLLEGIAS DO S. AEREO DA ESCOLA SERVIAL.

Se a fraqueza feminina Não nos deixa dar a vida Pela patria idolatrada, Quando ella pede a seus filhos Contra o feroz inimigo, A lança de sua espada;

Se nos impede servir a No vasto campo da vida, Nos altos cargos do Estado, Não nos exime, contuda, O dever de tributar-lhe Amor santo e acrisolado.

Nem foi dado só ao homem, Por ser o mais forte e sábio, Servir a patria... Isso não!... E a tre nos que o nosso animo Também pode e concourer Para a gloria do paiz.

Sim! Não somos tão mestiçus, Que nos tiras em o caso De amar a patria também! Creem alar sacrosant, E, estante, mimica e mo ella Logar para todos teñ!

Deixem, pois, ao homem O rumor, a fama, o brilho Dos esplendores da gloria; Deixem nos que já somos firmes Fiermos nas accões folly, Do grande livro da historia.

Trabalhem no silencio Da nossa discreidade, Mas trabalhemos com fé, Trabalhemos a firme creença Que o nosso trabalho a patria De todo inutil não é.

Do magist'rio a carreira, Tão elevada e tão n'bre; Pois bem, instruemos com animo, Queremos todos seguir; Para instruir no a ora; Vamos nos todos instruir.

Teremos mestres da infancia, Da mocidade futura, Da esperanca da nação! E' muito! Que mais queremos? Podemos servir a patria Com toda dedicacão.

E allora, se bem preencher nos Nossos futuros deveres Na santa missão do ensino, A patria vera o a carne Da nossa fraco concenno No seu futuro destino.

Mas é preciso instruemos, Tudo a extensão do ensino, Que nos queremos tomar; Teremos logo a bastantes Para zelar o thezouro, Que nos lio de ensinar.

Meditemos a influencia Que teremos nos destinos Das immensas criancinhas? E' grande... e pois não deve nos Cuidar demasiada Nas nossas forças mesquinhas.

Se nos sentirmos sem forças, Nutrido o justo receio De na lucta emerecer, Sem a trahir a patria, Acredit ar esse legado Que nos vai offerecer.

Luctemos, pois: é preciso Robustecer nos no estudo, Para vencer a jornada A'vante! amigos! Busquemos De nossa missão sagrada!

ANNA AURORA.

Porto Alegre, novembro — 1881.



Mosaico

— Quem é este pequeno? E' um amigo meu, do collegio; o papa d'elle é general... — Oh! oh!... Pois saiba, meu menino, que é magnifico, na sua idade, ser já filho de um general!...



Um fiscal, a moça redonda de um hotel, olhando para um padre, sentado ao lado opposto: — Si en tivesse um filho idiota, havia de fazel o padre! O padre serenamente: — Já seu paé não era da mesma opinião.



Um lonceo do hospital de Kilhafoles, em palestra com um visitante, foi de ta opinião: — Isto aqui é um quartel, mas o regimento anda lá por fora.



Uma senhora acaba de expór as condições com que poderia admitir uma criada. — Além do que sei fazer — diz a creada — si a senhora me tomar ao seu serviço, terá a casa segura contra os ladrões. — Porque? — Porque nunca lhe faltará um policia á porta.



No patibulo: — O custodiado: Tenho uma horrivel dôr de cabeça! O carcereiro: — Isso joga de pompo... Dentro de dez minutos, já não lhe doe nada.

MOLDES



Temo a satisfação de communicar ás nossas leitoras assienmas e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de molde tanto d'1 B. como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha-nos mais trinta annos temos nos incumbido de se serviço, com o lio sempre a pericia de verdadeiras atiradas em materia de cortes.

Agora mimas as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temos contrito.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ellas pidedimos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frescura mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, no a na indelicadeza de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 1 — Seta	18000
N. 2 — Seta	12500
N. 20 — Manga	18000
N. 12 — Blixa	18500

Os tecidos são recebidos no escritorio desta folha, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido.

Para correto mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguirem.